

## **TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH), MÍDIA E MEDICALIZAÇÃO INFANTIL: UMA REVISÃO DESSA RELAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Eloisa Machado (PIBIC/CNPq/Uem), Nilza Sanches Tessaro Leonardo (Orientadora), e-mail: eloisamachado@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

### **Ciências Humanas/Psicologia**

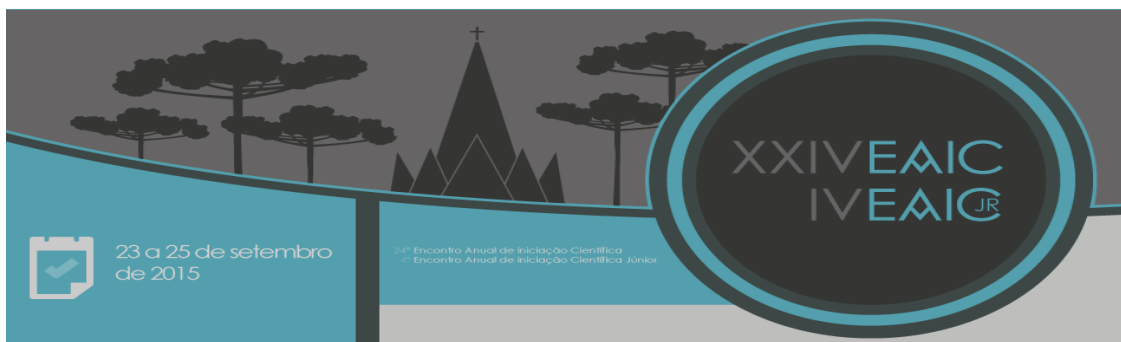
**Palavras-chave:** TDAH, medicalização infantil, mídia.

#### **Resumo:**

Este estudo tratou de questões referentes ao TDAH, a mídia e a medicalização infantil, e teve por objetivo investigar as possíveis relações entre estes, analisando se as reportagens exibidas em uma revista de grande circulação têm instigado o uso de metilfenidato em crianças. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica dos últimos seis anos, de reportagens que abordam o TDAH na revista *Veja*. Foram empregadas as palavras-chaves Ritalina e TDAH no *site* da revista *Veja*, e assim, encontradas 109 reportagens. Dois critérios de exclusão foram utilizados para chegar aos 18 artigos compilados na pesquisa, sendo eles o ano de publicação - 2009 a 2014 - e a leitura aprofundada das reportagens. Assim, por meio de levantamentos de fontes e referências sobre autores considerados proeminentes no desenvolvimento humano – Vigotski e Leontiev -, foi realizada uma análise do material de divulgação compilado. Os resultados apontam que as reportagens divulgadas pela revista instigam o uso da Ritalina como forma de tratamento para o TDAH, visto que 14 das 18 reportagens corroboram com a concepção biologizante do transtorno, e apenas um artigo se mostrou inteiramente contra a prática da medicalização e dos diagnósticos em excesso, número muito baixo comparado à quantidade de reportagens exploradas.

#### **Introdução**

Em sua maioria, as abordagens sobre o TDAH apontam que a origem do transtorno é de caráter natural, individual e orgânica, ou seja, é inerente ao indivíduo desde o seu nascimento, e a única maneira de reverter o



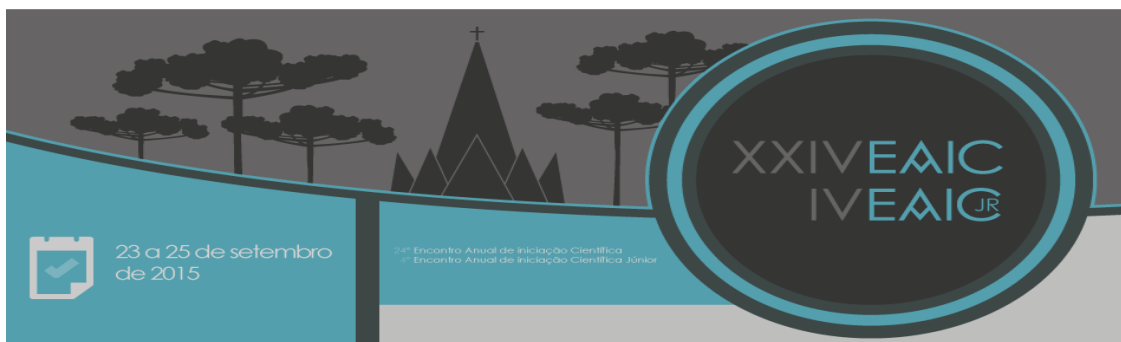
fenômeno é fazendo o uso de medicamentos psicoestimulantes como o Metilfenidato<sup>1</sup>. Nessa visão hegemônica do transtorno, a definição mais difundida para o TDAH é a encontrada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), e segundo ele, o transtorno "consiste num padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, mais frequente e grave do que aquele tipicamente observado nos indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento" (DSM-IV-TR, 2003, p. 112). Segundo Eidt e Ferracioli (2007), não há um consenso entre pesquisadores e especialistas sobre a existência do transtorno, e mesmo perante as dúvidas, pesquisas mostram o crescimento desenfreado de diagnósticos e medicamentos para tratá-lo. Essa prática do uso desenfreado desse tipo de medicação em crianças é denominada medicalização infantil.

Na contramão a esta concepção organicista, temos a teoria Histórico-Cultural, a qual norteou este estudo, e nos possibilita afirmar que fazer uso do metilfenidato é reduzir as problemáticas sócio-políticas a questões individuais, visto que os diagnósticos não consideram as vivências da criança e o meio ao qual ela está inserida. Para Vigotski, um dos precursores dessa teoria, a relação com o adulto é indispensável no processo de humanização da criança. Ela não se estabelece diretamente, mas sim é mediada por signos ou instrumentos psicológicos que modificam globalmente a evolução e a estrutura das funções psicológicas (VIGOTSKI, 1999, p. 94 *apud* EIDT; TULESKI, 2010, p. 132), das quais fazem parte a atenção e o controle voluntário do comportamento. Para a criança se humanizar, não basta estar inserida no mundo, ela precisa viver e atuar nele, por meio dos instrumentos, da linguagem e da lógica da sociedade (LEONTIEV, 1978). Nesta direção, portanto, o TDAH se explica pela apropriação parcial da atividade depositada nas produções humanas, materiais e intelectuais, e não é considerado um fenômeno intrínseco ao sujeito. Assim entendemos que ao professor cabe a função de mediação entre o conhecimento já existente e os alunos.

Baseado no que foi exposto até aqui, esse estudo revisou reportagens da revista *Veja*, com a finalidade de investigar o que elas apresentam a população a respeito do TDAH e se essas informações têm caráter elucidativo e científico. Buscamos responder as seguintes questões: seriam as reportagens exibidas em uma das revistas de grande circulação uma forma de instigar o uso de metilfenidato em crianças? É possível correlacionar a frequência das reportagens abordando o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o aumento da medicalização infantil?

---

<sup>1</sup> Psicoestimulante conhecido comercialmente como Ritalina e Concerta.



## **Materiais e métodos**

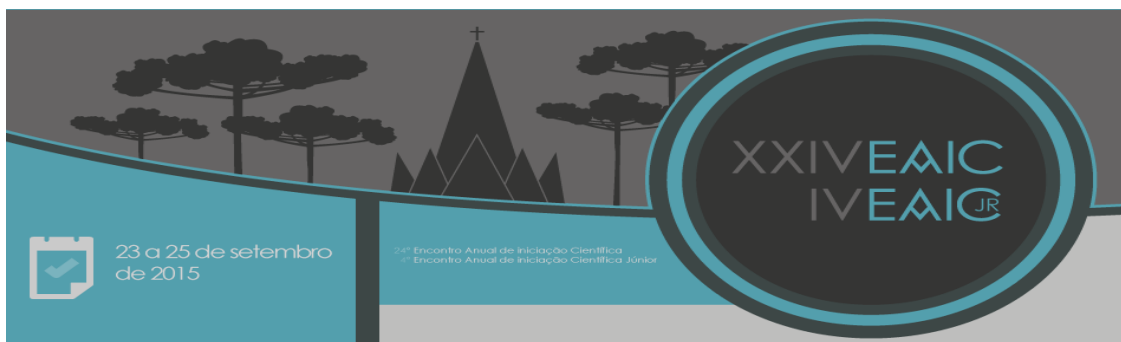
Esse estudo visou por meio de uma revisão sistemática investigar a apropriação de informações sobre TDAH e medicalização infantil pela população por meio da mídia impressa, a partir da revista *Veja*. Para isso, foram empregadas as seguintes palavras-chaves no *site* da revista: “Ritalina” e “TDAH”. Durante a procura, foram encontradas 109 reportagens e o primeiro critério de exclusão utilizado foi o ano de publicação, permanecendo apenas os registros publicados de 2009 a 2014, um total de 43 artigos. Após a leitura de todos, foram selecionados 18, que não apenas citam os termos buscados, mas apresentam uma discussão sobre os mesmos, apresentando questões relevantes para a realização do estudo. Por conseguinte, foi realizada uma leitura profunda dos artigos selecionados, e por meio das informações colhidas, uma análise dos resultados encontrados foi feita baseada nos autores precursores da Psicologia Histórico-Cultural.

## **Resultados e Discussão**

Após a leitura das dezoito reportagens abarcadas nessa pesquisa, foi constatado que quatorze delas apresentavam a visão hegemônica do TDAH em seus conteúdos e tratavam o transtorno como inato ao indivíduo. Três reportagens tomaram certo cuidado ao retratar o quadro do TDAH e apontaram que pode existir um abuso tanto no diagnóstico, quanto na quantidade de prescrições dos medicamentos para o transtorno, e somente um artigo defendeu completamente que o transtorno é diagnosticado em excesso e sem critérios. Juntamente com a proeminência da visão hegemônica do TDAH nas reportagens apresentadas pela revista *Veja*, o uso do Metilfenidato para o tratamento do transtorno também foi altamente verificado, e outra informação bastante difundida pelas reportagens sobre essa temática é que a crescente medicalização infantil se explica por uma maior elucidação do TDAH pelos pais e profissionais envolvidos no diagnóstico do transtorno.

Foi percebido também um índice alto de psiquiatras disseminando informações sobre o TDAH que defendem o caráter congênito do transtorno, e segundo Leite e Rebello (2014, p. 63):

[...] ao enfatizar o tratamento medicamentoso, a psiquiatria tornou-se uma forte aliada da indústria farmacêutica. Portanto, parece ser conveniente (para aqueles que lucram) minimizar ou até mesmo deixar de fora análises que discutam o caráter social do problema do TDAH e lançar luz apenas às características sintomáticas, biológicas [...].



## Conclusões

Por meio dos resultados obtidos durante a pesquisa e tendo como base a teoria Histórico-Cultural, pode-se concluir que a revista *Veja* instiga o uso do metilfenidato em crianças. A primeira evidência para a comprovação de tal fato são as quatorze reportagens que corroboram com a concepção hegemônica do TDAH, visto que para a realização dessa pesquisa foram reunidas dezoito. Apenas um artigo se mostrou completamente contra a prática da medicalização e dos diagnósticos em excesso, número muito baixo diante da gama de registros explorados. Juntamente com a visão hegemônica do transtorno, percebeu-se uma ampla defesa do tratamento do TDAH com metilfenidato pelos profissionais apontados como referência nas reportagens. É preciso desmistificar a crença de que os psicoestimulantes são o melhor tratamento para os comportamentos hiperativos e desatentos, sobretudo aquele que denominam de TDAH, que engendra principalmente crianças em fase de desenvolvimento.

Por fim, faz-se mister ter claro que as funções psicológicas superiores como a atenção, memória, pensamento abstrato, dentre outras não se desenvolvem naturalmente, mas dependem das mediações propiciadas pelo meio ao qual o indivíduo pertence. É, portanto, por esse caminho que se pode iniciar o processo de combater a medicalização infantil, fenômeno que se alastra cada vez mais em na sociedade.

## Agradecimentos

Agradeço a minha querida professora orientadora Nilza, e ao CNPQ pelo incentivo recebido durante todo o processo de realização da pesquisa.

## Referências

DSM IV-TR. (2003). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4ªed., Texto revisado). Porto Alegre: Artes Médicas.

EIDT, N. M.; TULESKI, S. C. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e a psicologia histórico-cultural. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso)*, v. 40, p. 121-146, 2010.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LEITE, H. A.; REBELLO, M. P. O desenvolvimento da atenção como objeto de estudo: contribuições do enfoque histórico-cultural. *Nuances: estudos sobre a Educação*, Presidente Prudente, v. 25, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2014.